

UMA PÁGINA

DO ROMANCE A VELHA

de José Régio

— Senhor Trigueiros! o senhor finge que estuda! mas é mal fingido!: Nem se dá ao trabalho de olhar o livro, ou virar a página...

Lêlita estremeceu, erguendo uns olhos que voltavam de longe... de muito longe. O Caveira viera subtilmente e estava a seu lado.

Era um homem funéreo, como a sua alcunha indicava: Sempre de negro, o rosto côr de cidra, os olhos ardendo de uma luz de tocha sob as sobranceiras grossas, muito pretas, e de vez em quando um riso inesperado, mudo, sinistro, que lhe punha a descoberto as falsas gengivas da dentadura postiça. Este riso bastava a aterrorizar os rapazes. Diziam-no louco desde que lhe morrera o filho único, meses depois de lhe ter morrido a mulher. Mas ninguém sabia se esta romântica história era verdadeira: Poderia ter sido inventada como justificação do seu luto perpétuo. Louco ou não, o Caveira não fazia loucuras; ou não se revelava a sua loucura senão no seu olhar de clarão mortiço, no quê de anómalo que se



¿Pois não previra êle que os seus gestos seriam forçados, as suas palavras titubiantes, a sua voz branca, o seu rosto agoniado?...

desprendia de tôda a sua pessoa, e no seu riso que reventava, inquietante, como uma mola perigosa que de repente vibra. O certo é que era não só temido como respeitado, fazia-se obedecer, mostrava-se escrupuloso no serviço, e acabara por se impor aos próprios directores. Concediam-lhe regalias extraordinárias: Aos domingos, o Caveira não vinha. E era o único dos prefeitos que não dormia no colégio, chegando só depois do primeiro estudo da manhã, e retirando depois do estudo da noite.

Lêlita olhava-o agora com êsses olhos de quem acorda, quando a sineta retiniu. Houve imediatamente um surrar de pés, um respirar de alívio, um alvorôco de carteiras erguidas e livros arrastados.

— Silêncio! — gritou a voz sêca do Caveira. O Caveira continuava ao lado de Lêlita.

— Senhor Trigueiros! — voltou êle baixando um pouco a voz — o senhor merecia ficar sem recreio. ¿Que tem estado a fazer no estudo?

Lêlita murmurou:

— Distraí-me um instante. Estava agora a pensar...

Côrou, calou-se. Estava agora a pensar na sua casa de Azurara, na meiga presença de sua mãe e nas argolas doces de madrinha Libânia, no encanto dos crepúsculos de inverno descendo sobre os velhos quartos e os velhos móveis, nas extraordinárias histórias de Piedade, ao serão... Eram cousas em que não podia falar. De repente, veio-lhe uma inspiração! O Caveira dissera: «O senhor merecia ficar sem recreio». Estava salvo! Então ergueu a cabeça, todo o sangue lhe refluiu da face; e pálido, enfrentando o Caveira com ar de desafio, disse em voz um pouco trémula mas nítida, a meio do silêncio geral:

— Pois é verdade!: Não estudei. Não me apetecia hoje estudar. Só hei de estudar quando eu quiser! Pode tirar-me o recreio à sua vontade...

O coração batia-lhe violentamente. Lêlita estava admirado da sua própria audácia. Mas o Caveira, cuja pele não podia empalidecer e antes aquecia, em tais momentos, como duma fornalha interior, inclinara-se para êle e olhou-o muito tempo com olhos profundamente sagazes. Acabou por dizer:

— Não!; não lhe tiro o recreio. O senhor precisa dos recreios. Demais, agora, a sua punição não é comigo. Já não é a primeira vez que o senhor se mostra incorrecto com um prefeito. O senhor director será avisado. Pode gozar o seu recreio. Pode gozar, à vontade, o seu-recreio!

Lêlita, que se ruborizava sob os seus olhos perscrutadores, esboçou sem querer o gesto de pôr as mãos. Lêlita estava convencido de que êsse louco o adivinhara. Muito baixo, e com uma voz que tremia como a de quem vai chorar, sussurrou:

— Deixe-me ficar de castigo! Não queria ter hoje recreio...

Durante segundos, não ousou erguer os olhos do tampo da carteira; e examinava com minuciosidade, como se fôsse coisa muito importante, os veios da madeira ligeiramente envernizada. A voz ríspida do prefeito ordenou:

— Podem formar!

Todos os rapazes se voltaram para a porta. Cada um emparelhava com o seu par costumado.

— Podem sair!

Um discreto e rítmico bater dos pés deu no sobrado, as cabeças puseram-se em movimento. Primeiro saía a fila que ficava mais perto da porta; a segunda formava atrás desta, e assim por diante. O prefeito esperava que todos